

DEMOCRACIAS, GOLPES e REVOLUÇÕES: CONEXÕES HISTÓRICAS



OLHARES IMORTAIS: ANÁLISE DOS DISCURSOS DE RECEPÇÃO DE ESCRITORAS NA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS

Maria Helena Bandeira Alves
Graduanda em História, UNICAP
maria.00000849231@unicap.br
Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral
Docente do Curso de História, UNICAP
walter.amaral@unicap.br

Resumo: Nesta pesquisa, propomos a análise dos discursos de recepção pronunciados durante a cerimônia de posse de novas imortais na Academia Pernambucana de Letras sob a perspectiva de gênero. O objetivo é compreendermos os desafios enfrentados por essas mulheres no âmbito acadêmico e literário, espaços majoritariamente dominados por homens. Analisando estes discursos, observamos em alguns deles, a presença de termos, expressões e posicionamentos que refletem um pensamento de cunho patriarcal. Teoricamente, utilizamos os conceitos de regulação de gênero de Judith Butler, que ajudam a entender as construções das noções sobre a figura feminina e masculina; as teorias de relações de poder de Michel Foucault, que elucidam como o poder patriarcal é exercido e legitimado através da linguagem; e as ideias sobre estruturas discursivas de Mikhail Bakhtin, que oferecem uma visão sobre como as práticas discursivas moldam e são moldadas pelas normas sociais.

Palavras-chave: Gênero; Discurso; Imortais.

Introdução

A estrutura patriarcal, historicamente enraizada na sociedade, está presente em diversas esferas políticas, culturais e sociais e traz consequências que afetam diretamente as mulheres. Nesse contexto, o machismo se manifesta por meio de comportamentos, opiniões e discursos que buscam inferiorizar as mulheres e justificar as desigualdades de gênero, perpetuando noções estigmatizadas associadas ao feminino. Neste sentido, buscamos analisar os discursos de recepção dirigidos às escritoras entronizadas na Academia Pernambucana de Letras, com o objetivo de compreender como o machismo se revela e sua influência no âmbito acadêmico e literário.

O estudo evidencia as formas sutis e implícitas em que o sexismo se manifesta no discurso, haja vista “a relação existente entre a oração e o contexto transverbal da realidade” (Bakhtin, 1992), sugerindo que o discurso está intrinsecamente ligado ao período histórico, bem como às questões culturais e sociais que o cercam. Desse modo, o discurso não é criado de forma isolada, mas reflete e reforça os valores patriarcais. Isto posto, a análise permite compreender como os estereótipos de gênero ligados à figura feminina auxiliam na perpetuação dessa ideologia patriarcal, já que “gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas” (Butler, 2022).

Assim, a ênfase nas regulações de gênero atribuídas às mulheres e a trivialidade com que essas escritoras são apresentadas, por meio das escolhas linguísticas, contribuem para percepções que fortalecem as assimetrias de gênero. Além disso, através do pensamento foucaultiano foi possível assimilarmos como as dinâmicas e relações de poder cercam essa circunstância e como as interdições influenciaram as narrativas proferidas para as novas imortais.

Tudo isso contribui para uma compreensão mais profunda de como narrativas veladas com regulações e estereótipos de gênero continuam a reforçar, naturalizar e legitimar as assimetrias de gênero no campo literário e acadêmico. A análise crítica desses discursos é fundamental para desafiar e desconstruir essas estruturas opressivas, que se baseiam em uma ideologia e uma prática sexista, com o intuito de transformar esse espaço e torná-lo um ambiente que reconhece, valoriza e promove a equidade para as mulheres na literatura pernambucana pela sua capacidade individual como sujeito, independente do seu gênero.

Utilizamos uma abordagem qualitativa para interpretação dos dados obtidos, sendo assim, a análise foi realizada de modo aprofundado procurando entender aspectos específicos como: ideias, pontos de vistas, valores, contexto histórico, entre outros. A

escolha de uma metodologia qualitativa se justifica pela necessidade de se perceber as nuances e sutilezas machistas nos discursos, que estão presentes em linguagens, contextos simbólicos e hierarquias de poder. Essa abordagem metodológica é essencial para execução de uma análise completa e contextualizada, importante para compreendermos como os valores de determinado período influenciou no significado social e cultural atribuído a figura das escritoras ao longo do tempo.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas principais. Na primeira, foram selecionados os discursos de recepção proferidos durante as cerimônias de entronização das escritoras na Academia Pernambucana de Letras, desde a sua fundação até os dias atuais. Na segunda etapa, os discursos foram localizados por meio de uma pesquisa de campo, consultando revistas publicadas pela Academia e pastas catalogadas sobre as escritoras que ocuparam uma cadeira na APL.

Foram utilizadas as teorias de Michel Foucault, com seu enfoque sobre relações de poder e as formas como elas se manifestam em discursos institucionais; Mikhail Bakhtin, contribuindo com suas reflexões sobre a estrutura discursiva; e Judith Butler, com sua abordagem sobre gênero como uma construção performativa. Essas teorias ofereceram uma base sólida para a análise do discurso e a análise temática. Os discursos foram lidos e relidos para encontrar trechos que foram agrupados em temas sobre a importância da representatividade feminina, machismo, desigualdade de gênero entre outros. Por exemplo, foram investigados termos e expressões que descrevem as conquistas dessas mulheres, os papéis sociais atribuídos a elas para evidenciar as expectativas culturais e sociais associadas ao feminino.

A partir da análise dos quatorze discursos de recepção para as escritoras que foram entronizadas na Academia Pernambucana de Letras revelou uma série de temas recorrentes que, de forma dissimulada, evidenciam posicionamentos machistas. Os resultados apontam como principais temas encontrados: a representação feminina, desigualdades de gênero e regulações de gênero. Os discursos frequentemente utilizam estereótipos de gênero para descrever as escritoras, enfatizando qualidades associadas ao feminino, como sensibilidade, delicadeza e emotividade. A naturalização das qualidades femininas é evidente na forma como os discursos tratam essas características como inerentes às mulheres, reforçando a ideia de que elas são naturalmente predispostas a certos comportamentos e habilidades. Esta prática contribui para a perpetuação dos papéis de gênero tradicionais.

Dessa forma, são desveladas as regulações de gênero, em outras palavras, as práticas sociais estabelecidas para que uma mulher seja aceita pela sociedade. Outrossim, a questão do reconhecimento e valorização das conquistas individuais das mulheres na Academia são legitimadas quando são equiparadas com escritores homens, condicionando a figura masculina a um lugar de autoridade, que é concedida de maneira sexista. Isso tudo, contribui para a desigualdade de gênero no espaço acadêmico e literário.

Análise sobre a essência dos discursos de recepção

Ao longo deste trabalho, foi possível abordarmos as estruturas patriarcais, discutindo seus principais aspectos e implicações através de uma perspectiva de gênero. Trata-se de uma estrutura social na qual, a grande maioria deles, sendo homens, brancos, cisgêneros e heterossexuais possuem poder e dominância em diversos ramos, incluindo o literário. É fundamental compreendermos que essa dinâmica impactou diretamente o cenário da Academia Pernambucana de Letras desde sua fundação, em 1901, por vinte escritores pernambucanos, com a entrada da primeira escritora, Edwiges de Sá Pereira, ocorrendo apenas em 1920. Esse atraso na inclusão feminina reflete uma resistência histórica em reconhecer as mulheres como vozes legítimas no campo literário, resistência que começou a ser rompida a partir da década de 1960, quando as escritoras passaram a ganhar mais visibilidade no mercado literário, apesar de sempre terem representado a maior parte do público leitor.

Nesse contexto, é perceptível que a representatividade feminina na Academia Pernambucana de Letras cresce de modo lento, mas é uma mudança importante, já que esta instituição é um ambiente majoritariamente formado por homens. A presença feminina na Academia marca uma transformação significativa em um espaço que historicamente refletiu as estruturas patriarcais predominantes. Assim como foi dito por Luzilá Gonçalves, na cerimônia de posse de Nelly Carvalho em 2015:

A APL abre suas portas para acrescentar ao rol de seus membros, mais um companheiro de luta e de prazer compartilhado. E o que é mais: uma presença feminina, que vem se juntar ao grupo que por muitos anos teve vetada sua entrada nesta instituição. Instituição destinada, como rezam seus estatutos, destinada a brasileiros, isto é, indivíduos do sexo masculino (Gonçalves, 2015, p. 299).

Luzilá evidencia em seu discurso um sistema de exclusão intrínseco ao campo literário, que buscou reduzir as mulheres a um papel coadjuvante. Muitos foram os obstáculos elevados para minar qualquer oportunidade de crescimento das mulheres na área literária e acadêmica. Entre os aspectos utilizados como barreiras, destacam-se razões históricas, sociais e culturais, como o acesso limitado à educação formal devido a imposições sociais, resultando na impossibilidade de desenvolvimento de técnicas literárias. Além disso, as noções sociais restringiam a figura feminina ao papel tradicional de mãe e esposa, impossibilitando sua plena participação no campo intelectual.

Dentro dessa narrativa, Gonçalves destaca como a presença feminina é importante e se faz necessária para enfrentar os obstáculos que eram erguidos para impossibilitar a entrada, valorização e reconhecimento de mulheres no campo literário e acadêmico. A representatividade feminina, torna-se, portanto, essencial para ampliar e enriquecer as perspectivas presentes na literatura cultural e desmistificar estereótipos e normas de gênero, desconstruindo ideias preconcebidas sobre o papel das mulheres na sociedade.

Uma mulher assegura a luta por nossa visibilidade, continuando as atividades iniciadas por mulheres como as poetisas Joana Tirbuna Lins e Francisca Izidora, sócias correspondentes nos primeiros anos da academia, seguidas depois por Edwiges Sá Pereira, já esta, sócia efetiva (Gonçalves, 2015, p. 299).

Este trecho cita mulheres como Joana Tirbuna Lins, Francisca Izidora e Edwiges de Sá Pereira, pioneiras no ramo literário, que lutaram por seu espaço e demonstraram que a representatividade feminina nesse ambiente começou a ganhar mais destaque ao longo do século XX e, que, a entrada de Nelly valoriza e dá continuidade ao legado e à luta dessas mulheres. De forma geral, esse discurso ressalta a entrada de Nelly Carvalho na APL, marcando uma ruptura com as estruturas editoriais e literárias que, durante muito tempo, foram monopolizadas por homens, ao mesmo tempo em que trazem à tona reflexões sobre a histórica exclusão das mulheres na literatura e na sociedade.

Contudo, o discurso proferido por Marcos Vilaça na solenidade de posse de Maria Lecticia Cavalcanti, em 2013, apresenta um ponto de vista totalmente diferente, contrastando com o discurso de Luzilá Gonçalves ao reduzir a nova imortal ao papel tradicional de mãe e esposa, perpetuando estereótipos que Luzilá buscava desconstruir. Nesse sentido, Marcos Vilaça desenvolve uma noção de performatividade de gênero que

permeia todo o discurso, vinculando os comportamentos da acadêmica às expectativas impostas pela sociedade, ao afirmar que: “E nem falo da admiração às suas densas expressões de mulher inteligente e de verdadeira *mater famílias*. Essa aliança de intelectual com a filha, mãe, esposa e avó é imbatível. Por isso se diz ser Vossa Senhoria uma das últimas ladies pernambucanas” (Vilaça, 2013).

Como podemos observar, em sua fala, Vilaça aponta esses estereótipos ligados a figura de Maria Lecticia, principalmente, o enaltecimento do seu papel como mãe, filha e esposa, quando ele atribui a característica de “*mater famílias*” a acadêmica, uma expressão em latim que significa matriarca, podendo se equiparar ao patriarca, no entanto, não tinha o mesmo poder que o homem, já que ela desempenhava um papel central no cuidado e na educação dos filhos, na gestão da casa e, muitas vezes, no fortalecimento dos laços familiares. Nesse contexto, Judith Butler argumenta que essas ideias estão enraizadas nas práticas habituais que regem o funcionamento de uma sociedade, operando como um padrão implícito de normalização que usa o gênero para categorizar e naturalizar as concepções de feminilidade e masculinidade.

Além disso, destacamos a tentativa de Marcos Vilaça de legitimar a entrada de Maria Lecticia ao enfatizar a importância da presença masculina, atribuindo suas realizações como escritora à influência dos homens que a cercavam. Essa perspectiva não apenas minimiza sua capacidade intelectual, sua autonomia e suas conquistas ao longo de sua trajetória, mas também reforça uma visão patriarcal que desvaloriza a produção intelectual feminina como independente e original. Ao moldar sua narrativa em torno da dependência de figuras masculinas, Vilaça perpetua estereótipos que limitam o reconhecimento pleno da mulher como protagonista de sua história, colocando em xeque a verdadeira representatividade de sua inclusão na Academia.

Seu marido tem amigos. Seus filhos têm amigos. Seus pais têm amigos. Sua sogra tem amigos. Seus irmãos têm amigos. Esse é o clima das suas cercanias e que lhe permite, Senhora Acadêmica, ser uma escritora aberta ao diálogo e que diante da realidade antologicamente completa sabe ouvir, garantindo o espaço de dissenso (Vilaça, 2013).

Assim, a excessiva valorização dos valores masculinos e a redução das conquistas e realizações de uma mulher a um papel secundário em relação a um homem, pode ser explicado como um mecanismo de controle social. Ao aplicar a teoria foucaultiana, o machismo pode ser entendido como um dispositivo de poder que opera para manter a desigualdade de gênero, utilizando normas sociais, discursos e práticas

para disciplinar corpos, comportamentos e subjetividades, reforçando o controle sobre mulheres e perpetuando o patriarcado.

Esse discurso, voltado a legitimar a entrada de uma mulher na Academia Pernambucana de Letras, é frequente nas narrativas de Marcos Vilaça. Prova disso está no discurso de saudação proferido por ele durante a cerimônia de posse da escritora Marly Mota, em 2009. Ao longo de toda a narrativa, o acadêmico faz diversas referências ao falecido marido de Marly, Mauro Mota, buscando validar a entrada da nova imortal por meio de sua associação a uma figura masculina. Em um ambiente majoritariamente dominado por homens, essa tentativa sugere uma impressão de autoridade e maior credibilidade.

Sua tomada de posse, Marly de Arruda Ramos Mota, se dá no local legitimado e único para nós acadêmicos da terra, e ocorre no momento exato. Esta Casa tem como que uma relação orgânica conosco, espécie de pele alongada dos Vilaça, dos Mota. É sabido pelos confrades o que nos custou (Vilaça, 2009).

Nesse contexto, Vilaça reforça a ideia de que a entronização de Marly Mota só foi possível porque seu marido fazia parte do quadro de membros da Academia Pernambucana de Letras. Essa postura ressalta o pensamento patriarcal do acadêmico, desvalorizando e desconsiderando as contribuições e conquistas alcançadas pela escritora para a literatura e a cultura, como jornalista, escritora e artista plástica, independente do legado literário vinculado à memória de Mauro Mota. Essa constância de ideias machistas transmitidas por Vilaça em seus discursos revela formas aparentemente inofensivas e sutis que acabam sendo absorvidas pelos ouvintes. Conforme aponta Michel Foucault, “o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (Foucault, 1970).

Assim sendo, é possível fazermos uma analogia entre o discurso de Vilaça e o pensamento de Mikhail Bakhtin, pois percebemos como a estrutura do discurso é cuidadosamente elaborada para reforçar e perpetuar ideias preconcebidas. Bakhtin destaca que o enunciado está sempre vinculado ao contexto em que o sujeito falante está inserido. Dessa forma, o discurso usa pausas e transições que camuflam os comentários, com termos e expressões machistas, que aparentemente são inofensivas, porém, complementam e perpetuam a ideia de que Marly Mota só entrou na Academia Pernambucana de Letras pelo legado do marido.

Vilaça se contradiz em alguns trechos de seu discurso ao afirmar que “o enriquecimento da bancada feminina da nossa Academia indica outro ganho a contabilizar nesta noite” (Vilaça, 2009); embora pareça reconhecer as contribuições literárias de Marly Mota, seu posicionamento ao longo do discurso revela que tal afirmação é superficial, funcionando mais como uma estratégia para manter veladas as estruturas subjacentes de sexismo. Nesse contexto, as próprias palavras, que poderiam ser utilizadas como uma ferramenta para transformar aquele espaço em um ambiente mais inclusivo e respeitoso, acabam por perpetuar ideias estigmatizadas sobre o papel das mulheres em determinados ambientes.

Outro discurso de recepção que busca romper com a ideia de masculinizar a mulher, incialmente, sem associá-las a padrões masculinos é proferido por Nilo Pereira na cerimônia de posse de Maria do Carmo Barreto Campello de Mello, em 1982. Nesse contexto, Nilo refere-se a ela como: “Poetisa (não digo poeta: porque masculinizar a mulher até nisso?)” (Pereira, 1982). A frase sugere uma preocupação em preservar a identidade feminina na linguagem, resistindo à tendência de “masculinizar” as mulheres ao adotar termos neutros ou tradicionalmente masculinos. Nesse contexto, o autor defende o uso de “poetisa” como uma forma de reconhecer e valorizar a especificidade do feminino, evitando que as mulheres sejam assimiladas a padrões linguísticos e culturais masculinos.

Logo em seguida, ele reforça a negação do uso de um termo masculino “como não posso adotar o pronome acadêmico – o “Vós” repudiado nesta noite...” (Pereira, 1982). Usando, de forma sutil, seu discurso para questionar a pouca presença feminina na poesia, esse posicionamento evidencia sua resistência em utilizar uma linguagem que, em sua visão, masculiniza o espaço ou o discurso, optando por manter uma abordagem que preserva a identidade feminina na comunicação formal.

O discurso proferido por Maria do Carmo Campello durante a entronização de Fátima Quintas na Academia Pernambucana de Letras, em 2003, aborda a performatividade associada às mulheres ao longo de toda a narrativa. O que vai de encontro ao pensamento de Judith Butler, quando defende que a norma é reinstituída por meio de rituais sociais, como, nesse caso, um evento acadêmico.

A mulher e a família no final do século XX, apresenta-nos um verdadeiro tratado sobre a condição feminina, mas em tudo preservando sua feminilidade, sua condição especialíssima de ser mulher, sua graça e sua elegância no trato, a lucidez e a sensibilidade que a caracterizam. Enfim, sendo, antes de tudo, mulher (CAMPELLO, 2003).

O trecho acima revela uma visão idealizada de uma mulher, ressaltando características como graça, elegância, trato, lucides e sensibilidade associadas a feminilidade. Nesse contexto, a uma busca pela preservação da “condição feminina”, ou seja, a essência que as tornam especiais, comparada aos homens. Porém, apesar de parecer valorizar a mulher, é uma fala que limita o potencial feminino a um papel estereotipado que foi imposto pela sociedade e que reafirma expectativas sociais sobre as noções de comportamentos que devem ou não ser feitas pelas mulheres. A última frase “sendo, antes de tudo, mulher”. É bastante impactante, sugere que sua identidade feminina é colocada acima de outros aspectos, como suas capacidades intelectuais ou suas conquistas individuais.

O discurso mais recente, proferido por Ana Maria César na solenidade de posse de Flávia Suassuna, em 2023, enfatiza a importância da abertura da Academia Pernambucana de Letras para a inclusão de mulheres e como a representatividade feminina pode ser uma ação prática para romper com a ideia de que a literatura é um ambiente predominantemente masculino.

Em 1930, a Academia Brasileira de Letras, ante a ousadia de a advogada, jornalista, escritora e poetisa Amélia de Freitas Bevílaque haver se candidatado à vaga de Alfredo Pujol, viveu um impasse com discussões acaloradas, reuniões e votações para finalmente decidir que de acordo com o art. 2º do Estatuto a expressão “brasileiros” só incluía indivíduos do sexo masculino. Não se percebendo que o empecilho linguístico se desfazia frente ao fato de a língua portuguesa haver albergado no masculino o gênero neutro do latim, nossa língua mãe (César, 2023).

No trecho acima, fica clara a alusão, feita por Ana Maria César, entre a Academia Brasileira e a Pernambucana de Letras. Ambas priorizaram, por muito tempo, a entrada de homens como membros, excluindo a participação de mulheres. A mudança dessa realidade ocorreu de forma lenta, mas ela destaca que a posse de mulheres vem contribuindo para transformar esse ambiente menos patriarcal. No final, ela até reforça a ideia criticando barreiras linguísticas do uso de termos generificados, já que a língua portuguesa assume o gênero masculino como gênero neutro da língua de origem, o latim. Dessa forma, ela aponta a naturalização e aceitação do uso de termos masculinos não só relacionado ao gênero masculino, mas a grupos mistos ou situações sem especificação de gênero, como se fosse uma forma neutra ou genérica.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, procuramos abordar as estruturas patriarcais, discutindo seus principais aspectos e implicações sob uma perspectiva de problematização de gênero. Observamos uma nítida diferença nos discursos de saudação proferidos por homens e mulheres: enquanto as mulheres destacam as conquistas individuais das mulheres, legitimando suas trajetórias; os homens, em sua maioria, frequentemente as colocam em posições secundárias e buscam validá-las a partir das figuras masculinas que as cercaram ao longo de suas histórias. No entanto, há também características comuns a ambos os discursos, como o reforço do papel tradicional associado à figura feminina, presente em falas de algumas mulheres e de alguns homens, refletindo os valores que permeavam o período em questão.

Por meio da revisão bibliográfica e da análise dos discursos coletados, destacamos as desigualdades gênero que persistem na academia e na literatura. Os resultados indicam que a presença feminina na Academia Pernambucana de Letras é essencial para impulsionar mudanças no reconhecimento e valorização de suas contribuições, além de promover maior representatividade. Para isso, ações práticas, como a criação de prêmios literários voltados para mulheres, a implementação de políticas inclusivas e iniciativas que fomentem a equidade de gênero, são indispensáveis. Observamos, entretanto, que, apesar de avanços na inclusão feminina, o processo tem sido lento e limitado. Para garantir que a participação feminina seja mais do que um gesto simbólico, é fundamental avaliar se essa inclusão se traduz em oportunidades justas e em um reconhecimento significativo dentro da instituição.

Em suma, buscamos contribuir para a compreensão do papel fundamental da figura feminina na Academia Pernambucana de Letras, ao fornecer uma análise das suas contribuições e desafios enfrentados. Esperamos que as conclusões aqui apresentadas possam servir de base para novas investigações e para a aplicação prática no campo da literatura e da academia. Por fim, ressaltamos a importância para a implementação de políticas inclusivas e ações afirmativas que ampliem o reconhecimento das mulheres no meio acadêmico e literário, garantindo um ambiente mais equitativo e plural.

Referências

- Academia Pernambucana de Letras, discurso de recepção de Flávia Suassuna, Biblioteca Waldemar Lopes. Out. 2023.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- BUTLHER, Judith. **Desfazendo Gênero**. São Paulo: Editora Unesp. 2022.
- CAMPELLO, Maria do Carmo. Discurso de Recepção à acadêmica Fátima Quintas. Revista da Academia Pernambucana de Letras, Recife, vol. 38, p. 277- 282, mar. 2003.
- FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Saudação a Nelly Carvalho. Revista da Academia Pernambucana de Letras, Recife, vol. 45, p. 299-303, mar. 2015.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- VILAÇA, Marcos Vinícius. Discurso de recepção de Marly Mota. Revista da Academia Pernambucana de Letras, Recife, vol. 40, p. 231-238, set. 2009.
- VILAÇA, Marcos Vinícius. Saudação a Maria Lectícia Cavalcanti pelo acadêmico Marcos Vinícius Rodrigues Vilaça. Revista da Academia Pernambucana de Letras, Recife, vol. 43, p. 227- 233, out. 2013.